

As estratégias políticas de ACM Neto e a relação com a tradição carlista.

Carla Galvão Pereira¹

Introdução

Este trabalho é parte de um projeto de tese de doutorado em andamento cujo objetivo é analisar as estratégias políticas de Antônio Carlos Magalhães Neto e sua relação com a tradição carlista. A motivação para realização desta pesquisa, se deu pela combinação, inicialmente não esperada, da trajetória ascendente de um ator político individual com a trajetória descendente de seu grupo político. A gênese da trajetória política de ACM Neto se deu na fase de declínio do carlismo. No presente artigo será analisado, de forma exploratória, o perfil eleitoral de ACM Neto nas eleições de 2002, 2006 e 2010 para deputado federal e sua relação com o espólio eleitoral do grupo “carlista”.

O chamado “carlismo²”, grupo político comandado pelo forte poder pessoal de Antônio Carlos Magalhães, que se constituiu por muitos anos em elite política hegemônica no estado da Bahia, vem perdendo sua força no cenário político baiano e nacional nos últimos anos. Alguns fatos são marcos do declínio político do grupo carlista, como a renúncia de ACM com a “Crise do Painel” do Senado em 2001³ e a derrota do candidato carlista, Paulo Souto, para o Governo do Estado da Bahia em 2006.

Nesse mesmo período de decadência, porém, entra em cena um novo ator político desse grupo: o neto do seu principal líder, ACM Neto. Vale salientar, que após a morte de Luis Eduardo Magalhães (filho de ACM e importante líder do carlismo) em 1998 e a morte de ACM em 2007, ACM Neto passou a ser apontado por muitos como o herdeiro natural do carlismo. Quanto a essa questão, Dantas Neto (2007) salienta que a

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia/Brasil. Galvaocp@yahoo.com.br

² De acordo com DANTAS NETO (2006) O carlismo é uma política baiano-nacional nascida de aspirações modernizantes de uma elite regional, nos marcos da chamada revolução passiva brasileira e na perspectiva de um autoritarismo instrumental. Adota, como diretriz, simultânea atuação na política institucional, na estrutura da administração pública e na interface destas com o mercado e, como estratégia, a sustentação regional da ordem social competitiva, ligando-se, pragmaticamente, ao campo político liberal.

³ Em 2001, Antônio Carlos Magalhães renuncia ao Senado após a comprovação, por perícia, de ter a violação do painel eletrônico do Senado por ocasião da Votação de Cassação do Senador Luiz Estevão.

rigor não existe herança, pois não há trono a ser transmitido, até porque ACM morreu já fora do poder⁴ e com um forte declínio de seu poder pessoal, embora, claro, haja um importante patrimônio simbólico. Nessa perspectiva, ACM Neto seria o ator político com maior potencial para “herdar” o peso desse patrimônio simbólico da tradição carlista na política baiana.

Essa hipótese parece se confirmar, pois este ator político foi durante três eleições consecutivas (2002, 2006 e 2010) o deputado federal mais votado da Bahia, em 2008 disputou competitivamente as eleições para prefeitura de Salvador, capital do estado, e em 2012 foi eleito prefeito da cidade.

Diante desse contexto, esse trabalho tem por finalidade estudar a trajetória desse ator político, a partir de uma análise do seu perfil eleitoral nas três eleições para deputado federal. Considerando a taxonomia de Ames (2003) quanto a fragmentação/concentração e dominância/compartilhamento do seu voto e o contexto político estadual e nacional, o trabalho analisará o perfil eleitoral desse ator político de 2002-2010 e sua relação com o espólio eleitoral carlista.

O perfil eleitoral de ACM Neto

Esta seção tem por objetivo traçar o perfil eleitoral de ACM Neto nas eleições para deputado federal de 2002, 2006 e 2010. Através de uma análise mais ampla sobre a conjuntura política de cada eleição (analisando as coligações e as influências dos pleitos para os executivos federal e estadual) e dos desempenhos do seu partido (DEM -

⁴ Antonio Carlos Magalhães morreu fora do poder — em Brasília e na Bahia — e seu “espólio” político passara a ser parcialmente gerenciado por seus correligionários ainda com ele vivo. Desde 2001, sequer comandava mais o seu próprio grupo de modo unipessoal. Há tempo, as decisões mais importantes do grupo carlista são tomadas mediante tensões, conflitos e acordos políticos em sua cúpula. E se, nos últimos anos do regime militar e durante os anos 90, o carlismo era, por assim dizer, a elite política estadual, e o grupo ocupava todo o espaço dentro e fora do governo, desde ao menos o mesmo ano de 2001, que, na Bahia, já há um formato bipolar de competição política. Também já fazia parte do passado o tempo em que os segmentos sociais de influência sobre o poder político na Bahia estiveram quase todos articulados exclusivamente aos carlistas. Tempo em que o senador ACM dirigia o grupo verticalmente, hierarquicamente, concentradamente, personificadamente, apenas com a parceria do seu filho, Luiz Eduardo Magalhães. A última decisão unilateral e impositiva do chefe foi a escolha do hoje senador César Borges como candidato ao governo em 1998, no lugar de Luiz Eduardo, ali falecido. Na atual década, o senador, mesmo quando afinal fazia prevalecer suas posições, foi sempre levado a negociar, ao menos com o posteriormente Governador, Paulo Souto, o ex-prefeito Imbassahy e o deputado Aleluia. (DANTAS NETO, 2007)

Democratas, antes PFL – Partido da Frente Liberal) nos pleitos de 1994 e 1998, a seção pretende desvelar as características do voto em ACM Neto: seus redutos eleitorais, as características do seu voto em termos de fragmentação/concentração e dominância/compartilhamento (AMES, 2001) e algumas características relevantes dos municípios que mais contribuíram para sua votação. Uma vez conhecidas as principais características da sua votação, será possível tanto compreender de maneira mais aprofundada as vinculações do seu perfil eleitoral com a tradição carlista, assim como orientar a análise sobre as suas estratégias políticas, especialmente sua ação parlamentar nesse período.

O desempenho do PFL nas eleições de 1994 e 1998

Conforme estudado por essa autora em outra oportunidade, na década de 90 o carlismo, que surgiu enquanto uma elite política na Bahia durante o regime militar no Brasil (1964-1985), conseguiu se readaptar a um novo contexto político, agora democrático, tornando-se elite hegemônica no estado⁵, fato bastante perceptível na supremacia eleitoral do partido nas eleições de 1994 e 1998:

Se nos anos 70, durante o regime militar, [o carlismo] utilizou-se do discurso autoritário enquanto instrumento necessário ao desenvolvimento e modernização da Bahia, nos anos 90, substitui sua estratégia caracterizada por um autoritarismo de tipo instrumental e soube adaptar-se às regras do jogo democrático liberal. [...] A estratégia política de ACM para se manter no poder no regime democrático, inclusive tendo aumentado sua influência no cenário nacional, refere-se ao atendimento dos requerimentos da ordem econômica vigente no país. Nesse sentido, atendeu a tais pré-requisitos através de uma articulação *baiano/nacional*, sabendo se articular a uma elite econômica e o comando político nacional. (PEREIRA, 2007, p. 117-118)

Nas eleições de 1994, por exemplo, foram eleitos na Bahia Fernando Henrique Cardoso para presidente, com o importante apoio do PFL e do seu líder Antônio Carlos Magalhães, Paulo Souto, candidato carlista para governador, Waldeck Ornelas e o próprio ACM para senadores e 19 deputados estaduais entre os 63 eleitos. No que se refere ao pleito para deputado federal, o PFL elegeu 16 representantes, totalizando cerca

⁵ A partir da tipologia de Sartori é possível caracterizar o sistema político na Bahia, nesse contexto, como um sistema de partido dominante, ou seja, como uma configuração de poder em que um partido governa só, sem estar sujeito a alternância e que sempre continua obtendo, eleitoralmente, uma maioria absoluta. (SARTORI, 1980, p.161)

de 30% do total de votos válidos para deputado. Entre o candidatos eleitos destacaram-se políticos tradicionais do carlismo como Luis Eduardo Magalhães, Benito Gama, Eraldo Tinoco, José Carlos Aleluia, Manoel Castro e Leur Lomanto, entre outros. O partido teve alguns de seus candidatos entre os deputados eleitos mais votados do estado, entre eles Luis Eduardo Magalhães que foi o mais bem votado com 138.084 votos, o que representou 4,75% dos votos válidos e cerca de 15,84% dos votos dos candidatos do PFL eleitos, o que demonstra a sua importância política no estado e dentro do próprio partido.

Nas eleições de 1998, mantém-se a hegemonia carlista em todos os pleitos. Novamente, Fernando Henrique Cardoso é vitorioso na Bahia. Para o governo, foi eleito César Borges e o ex-governador, Paulo Souto se elegeu ao senado, e o partido elegeu 23 candidatos na Assembleia Legislativa. É importante salientar que neste espaço de tempo entre 1994 e 1998 o carlismo conseguiu eleger seu candidato como prefeito da cidade de Salvador, Antonio Imbassahy, após alguns anos fora do comando da capital. No que se refere ao pleito para deputado federal, amplia-se também a sua representação. O PFL elegeu 20 deputados, o que representou 51,28% do total de votos.

Nesse pleito, destacaram-se, mais uma vez, candidatos carlistas importantes como Paulo Sérgio Paranhos de Magalhães, Eraldo Tinoco, José Ronaldo, José Carlos Aleluia, Jairo Azi, que estão entre os 10 deputados mais votados do estado nessas eleições. Vale ressaltar que, nessas eleições, Luis Eduardo Magalhães seria candidato para o governo do estado, mas não participou desse pleito uma vez que falecera neste mesmo ano no mês de abril. Nessas eleições, o deputado mais votado do estado também foi do PFL, Paulo Sérgio Paranhos de Magalhães, com 192.515 votos o que representou 4,64 % dos votos válidos e 9,85% dos votos em todos os candidatos do PFL.

Conforme se observa, houve um aumento significativo no número de votos no PFL em 1998 em relação a 1994⁶, mas esse aumento não se concentrou em um só

⁶ No que tange aos votos dos deputados federais eleitos, o PFL obteve 871.483 votos em 1994 e 1.953.584 em 1998 (TSE, 2013).

candidato. Ampliou-se também o número de candidatos eleitos com uma votação expressiva, por exemplo, cinco dos 20 candidatos eleitos foram eleitos com mais de 100 mil votos, diferentemente de 1994, quando apenas Luis Eduardo Magalhães foi eleito com uma votação tão expressiva (quase 140 mil votos), enquanto todos os outros deputados eleitos tiveram uma votação bem menor que este candidato, entre 30 e 60 mil votos. Fica evidente, dessa forma, que nas eleições de 1998 houve uma maior dispersão dos votos entre os candidatos do PFL em comparação a 1994, quando houve uma grande concentração dos votos em Luis Eduardo Magalhães.

O desempenho do PFL e perfil eleitoral de ACM Neto na eleição de 2002

Nas eleições de 2002, como aponta Dantas Neto (2003), houve uma inflexão na trajetória do carlismo. Segundo o autor:

A situação dominante que reinava em 1998 revogava-se graças ao estancamento da expansão do carlismo e ao avanço da esquerda sobre o espólio da outra banda da oposição e sobre o saldo da marcante queda da alienação eleitoral historicamente alta na Bahia carlista, notoriamente a dos votos em branco [...]. (DANTAS Neto, 2003, p.273)

Nas eleições para o governador, quase houve segundo turno, o que seria uma situação muito difícil levando em conta a “onda Lula”, mas os carlistas venceram as eleições para o Governo do Estado, elegendo Paulo Souto. Venceram também as duas vagas ao Senado Federal, elegendo Antônio Carlos Magalhães e Cesar Borges. Nas eleições para deputado federal, dos 39 candidatos eleitos o PFL elegeu 19, tendo lançado 24 candidatos. Como aponta Dantas Neto (2003), nas eleições legislativas as vitórias do carlismo tiveram, quando muito, sabor de sobrevivência, pela perda em relação ao pleito de 98 de 25% da bancada federal e 17% da estadual. Já para o pleito da Assembleia Legislativa do Estado, dos 63 deputados estaduais o PFL elegeu 16. Mais uma vez, é importante destacar que o candidato do partido foi reeleito, em 2000 prefeito de Salvador.

Foi nesse contexto de declínio da força do carlismo que ACM Neto foi eleito o deputado federal mais bem votado da Bahia com 400.275 votos de um total de 5.956.123 votos válidos, ou seja, 6,72% destes votos e cerca de 16,08% dos votos totais

[R1] Comentário: Não entendi. O que seria muito difícil? O que é “onda Lula”? Falta contextualização...

do PFL. Nesse pleito, do qual participaram 134 candidatos a deputado federal competindo pelo voto de 8.568.602 de eleitores aptos a votar, ACM Neto obteve voto nos 410 municípios do estado. A sua votação representou quase o dobro do número de votos do segundo candidato mais votado do estado, Nelson Pelegrino (PT), e mesmo do segundo candidato mais votado do PFL, Fábio Souto.

Assim como em 1998, o PFL teve também outros candidatos entre os mais votados do estado, como é o caso de Fábio Souto que obteve 191.619 votos. Notas-se também nessas eleições, assim como em 1994, uma grande concentração de votos para poucos candidatos, como é o caso mais evidente de ACM Neto e o de Fábio Souto de forma secundária. Apesar desses resultados, conforme salienta DANTAS NETO (2007), desde 2001 não se poderia mais falar do carlismo enquanto uma elite hegemônica, vez que já havia se instaurado uma competição política bipolar no estado, com a crescimento da força política do PT.

Em primeiro lugar, foi analisado o perfil eleitoral de ACM Neto a partir das tipologias de AMES (2001), na dimensão da dominância/compartilhamento de votos, que diz respeito ao percentual de votos válidos obtidos pelo candidato em cada município. Dos 410 municípios onde foi votado, em 80 deles ACM Neto obteve pelo menos 10%⁷ dos votos válidos, de modo que a sua dominância chegou a alcançar 58,89% dos votos válidos do município de Barrocas.

No que se refere à outra dimensão do perfil eleitoral segundo AMES (2001), aquela que analisa fragmentação/concentração dos votos de um candidato em um grupo de municípios e que considera a contribuição dos municípios para o voto total do candidato, é possível dizer que neste pleito 21 municípios (onde o voto em ACM Neto

⁷ Neste trabalho toma-se com critério de análise da dominância um mínimo de 10% dos votos válidos de um determinado município. Claro está que este critério é arbitrário, mas considera-se que serve como indicador de um determinado grau relevante de dominância visto que, como salientado, neste ano houve 134 candidatos disputando o pleito para deputado federal. Nesse sentido, obter 10% dos votos de um município numa eleição proporcional indica uma maior dominância da disputa em detrimento de um maior compartilhamento.

representou pelo menos 1% do total dos votos do candidato⁸) representaram 56% de toda votação de ACM Neto, conforme apresentado na Tabela I, que se segue.

⁸ Tomou-se como critério para a seleção dos principais municípios responsáveis pela votação do candidato, em um universo de 410 municípios onde ele foi votado, um mínimo de 1% de contribuição dos votos do candidato neste município para o total de votos dele. Mais uma vez, o critério é arbitrário, mas, em função dos resultados gerados, considera-se que se conseguiu selecionar uma amostra bastante relevante no que concerne ao perfil eleitoral de ACM Neto. A amostra, portanto, foi definida em função da dimensão fragmentação/concentração dos votos na tipologia de AMES (2001). No entanto, a outra dimensão, dominância/compartilhamento, não deixou ser contemplada por ela, uma vez que dentro da amostra quase todos os municípios possuíam uma dominância elevada (maior que 10%) e nela estava incluído o município de maior dominância.

Tabela I: Redutos Eleitorais de ACM Neto, 2002

MUNICÍPIO	VOTOS NOMINAIS	VOTOS VÁLIDOS (%)	CONTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE CADA MUNICÍPIO PARA O VOTO TOTAL DO CANDIDATO
SALVADOR	104152	9,35	26,02
JEQUIÉ	12037	18,99	3,01
MARAGOGIPE	8652	43,99	2,16
CANDEIAS	8591	22,37	2,15
SANTO ANTÔNIO DE JESUS	8211	21,91	2,05
BARREIRAS	8162	16,06	2,04
BRUMADO	6915	23,02	1,73
PORTO SEGURO	6419	20,28	1,60
QUINJINGUE	6113	43,90	1,53
SÃO DESIDÉRIO	5693	56,70	1,42
JEREMOABO	5574	33,73	1,39
INHAMBUPE	5228	33,96	1,31
ALAGOINHAS	5152	8,50	1,29
SÃO GABRIEL	4821	50,06	1,20
EUNÁPOLIS	4620	14,61	1,15
IGUAÍ	4457	41,34	1,11
LAJE	4409	41,32	1,10
BARROCAS	4270	58,89	1,07
RAFAEL JAMBEIRO	4255	42,64	1,06
AMARGOSA	4155	27,29	1,04
SENTO SÉ	4082	25,97	1,02
TOTAL	225968	31,18	56,45

Fonte: TSE, 2012/ SEI, 2013

Conforme se pode observar, Salvador foi o município que mais contribuiu para a votação do candidato, representando 104.152 votos que corresponderam a cerca de 26% dos votos de ACM Neto. Os demais municípios dividem o restante da contribuição para o voto total do candidato. Claro está que a capital e maior município do estado teve um peso relevante na sua votação e na conformação da contribuição desses 21 municípios. No entanto, mesmo sendo retirada a capital da distribuição, os 20 municípios restantes continuariam representando cerca de 30% dos votos de ACM Neto, dado relevante sobre o seu perfil eleitoral. Os municípios onde o voto se concentrou são bastante heterogêneos em termos demográficos, na medida em que fazem parte do grupo desde municípios maiores e mais importantes como Salvador, Jequié, Candeias, Santo Antônio de Jesus, Barreiras, entre outros, a municípios menores, como Barrocas, Quijingue e Sento sé, por exemplo. Também são heterogêneos em termos de localização no estado. Há municípios da Região Metropolitana, do Recôncavo Baiano, do Baixo Sul, do Sertão, do Oeste e do Sul do estado.

É interessante salientar que em todos estes municípios, nas eleições de 1998, os candidatos carlistas a governador, César Borges, e a senador, Paulo Souto, foram vitoriosos. No que diz respeito a Fernando Henrique Cardoso, candidato à presidência da república com o importante apoio do PFL e de ACM, apenas em dois desses municípios, Salvador e Alagoinhas, ele não teve o maior número de votos.

Quanto à votação para deputado federal nesses municípios em eleições anteriores, é importante considerar a expressiva votação dos candidatos do PFL. Em quase todos os municípios⁹, esses candidatos foram os mais bem votados, destacando-se entre eles o peso da votação dos deputados eleitos em 1998 Leur Lomanto em Jequié; Roland Lavigne em Porto Seguro e Eunápolis; Jairo Aziz em São Gabriel, Quijingue, Jeremoabo e Inhambupe; Paulo Roberto Luz Braga, em São Desidério e Barreiras; e por fim Eraldo Tinoco, em Santo Antônio de Jesus e Iguai. Tais municípios, dessa forma, se configuraram como verdadeiras bases eleitorais dos candidatos do PFL.

⁹ Somente não foram analisados os resultados das eleições de 1998 no município de Barrocas, pois os dados não estavam disponíveis no site do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Outro aspecto de muita relevância a ser considerado é que, exceto o deputado Paulo Roberto Luz Braga, todos esses deputados não se candidataram para o mesmo pleito nas eleições de 2002, o que indica a possibilidade de que parte desses votos tenha migrado para ACM Neto, com especial destaque para os votos de Eraldo Tinoco, tendo em vista que ACM Neto foi assessor dele enquanto Secretário de Educação do estado. Quanto a essa relação, em artigo intitulado “*Dinâmica Política-Eleitoral, burocracia e gasto social estadual*”, que analisa o gasto social da Secretaria de Educação da Bahia no período 1999-2002, BORGES (2009) afirma que secretário e então deputado federal licenciado buscou recompensar a sua base eleitoral com a realização de obras de recuperação, ampliação e construção de escolas.

Essa prática também foi constatada em outros políticos do partido. Conforme salienta SOUZA (2009 apud BORGES, 2011), foi observada a influência da alocação de recurso da Secretaria de Planejamento através do Programa Produzir para a eleição do deputado Luiz Carreira em 2006. Segundo a autora, as decisões de alocação de serviços desse programa eram fortemente condicionadas por influências político-eleitorais. Isso sugere, como afirma RENNÓ (2003), que a ocupação de posições institucionais é relevante para a tomada de decisão quanto às escolhas de carreiras na Câmara de Deputados do Brasil, em detrimento de outras carreiras, frente aos riscos do processo eleitoral.

Tendo esses elementos em questão, é possível afirmar que o voto de ACM Neto tende a ser dominante, uma vez que a sua votação assumiu uma proporção dos votos válidos maior do que 10% em 80 municípios, entre os quais alguns municípios grandes como Barreiras e Jequié. Em Salvador, por exemplo, a votação não alcançou uma proporção de 10%, mas ficou em 9,35% dos votos, o que traz uma votação maciça para o total do candidato. No que se refere à dimensão da fragmentação/concentração, a análise do seu perfil se torna mais complexa, porque o candidato obteve votos em todos os municípios do estado, mas 56% do total da sua votação estão concentradas em apenas 21 deles que, por sua vez, apresentam uma alta dominância. Esses municípios, todavia, não são contíguos, conforme observado, de modo que estão localizados em várias partes do estado, o que inviabiliza a interpretação de uma concentração de votos em uma determinada região. A votação em ACM Neto tende, portanto, a ser

interpretada a partir de um modelo que AMES (2001, p. 67) chama de concentrada-dominante, o que “muitas vezes refletem relações tradicionais de empreguismo e clientelismo entre os políticos e os eleitores”.

O desempenho do PFL e perfil eleitoral de ACM Neto na eleição de 2006

Nas eleições de 2006, o carlismo teve a sua derrota mais significativa. Após os quatro anos do Governo Lula, que possuía altos índices de aprovação, sobretudo no Nordeste, surpreendentemente o candidato do PT, Jacques Wagner, a partir do forte apoio do presidente e de transferência de boa parte de seus votos, foi eleito governador da Bahia no primeiro turno de uma eleição para a qual todas as pesquisas indicavam a vitória do candidato carlista, Paulo Souto, em primeiro turno. Para o pleito de senador, diferentemente de 2002, o candidato carlista, Rodolpho Tourinho Neto, também foi derrotado, tendo vencido o candidato da oposição, João Durval Carneiro do PDT. Para deputado federal, o PFL lançou 20 candidatos e apenas 12 foram eleitos, com uma proporção de 34,82% dos votos, mais de 20% menor do que em 2002. Na Assembleia Legislativa, o partido manteve seus 16 deputados.

No pleito para deputado federal, embora o PFL tenha diminuído sua votação, bem como o número de deputados eleitos, destacou-se mais uma vez a expressiva votação de ACM Neto, que novamente foi eleito mais votado do estado com 436.966 votos, o que representou 6,65% do total dos votos válidos e 19,09% dos votos totais do PFL. ACM Neto não apenas ampliou sua votação absoluta, mas também concentrou uma parte maior do número de votos do PFL, num momento em que o partido diminuiu sua representação, de modo que se tornou uma liderança política dentro do partido. Em 2006, ACM Neto obteve votação em 416 dos 417 municípios do estado concorrendo com 252 candidatos a deputado federal que disputavam os votos de 9.109.353 eleitores.

Analisando esse perfil eleitoral a partir da dimensão da dominância/compartilhamento de votos, é possível dizer que a votação em ACM Neto no ano de 2006 continuou seguindo o mesmo padrão de forte dominância em alguns municípios, assim como no ano de 2002. Em 2006, ele obteve mais de 10% dos votos

em 81 municípios, chegando a 58,4% dos votos em Firmino Alves. No que se refere à outra dimensão do perfil eleitoral da fragmentação/concentração dos votos de um candidato em um grupo de municípios, novamente 21 municípios concentraram agora 55,69% dos seus votos, conforme apresentado na Tabela II, que se segue.

Tabela II: Redutos Eleitorais de ACM Neto, 2006

MUNICÍPIO	VOTOS NOMINAIS	VOTOS VÁLIDOS (%)	CONTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE CADA MUNICÍPIO NO TOTAL DE VOTOS DO CANDIDATO
SALVADOR	106293	8,79	24,33
VITÓRIA DA CONQUISTA	17114	12,81	3,92
BRUMADO	10273	31,80	2,35
ALAGOINHAS	10012	15,26	2,29
ITABUNA	9894	9,52	2,26
CAMAÇARI	9379	11,13	2,15
ILHÉUS	7037	8,24	1,61
SANTO A. DE JESUS	6354	15,39	1,45
SENTO SÉ	6343	33,41	1,45
TUCANO	6207	25,10	1,42
QUINJINGUE	5741	38,53	1,31
ITABELA	5319	41,37	1,22
FEIRA DE SANTANA	5228	2,12	1,20
MARACÁS	5210	43,02	1,19
POJUCA	5087	32,27	1,16
JEREMOABO	4853	26,99	1,11
ESPLANADA	4767	36,51	1,09
CACULÉ	4611	42,91	1,06
CRUZ DAS ALMAS	4599	15,58	1,05
INHAMBUPE	4561	26,60	1,04
MACAÚBAS	4451	22,13	1,02
TOTAL	243333	23,78	55,69

Fonte: TSE, 2012/ SEI, 2013

Mais uma vez, os municípios são bastante heterogêneos e provenientes de regiões diversas do estado. Novamente, Salvador representou a maior parte dos seus votos (106.293 ou 24% do seu total). No entanto, assim como em 2002, sem a contribuição de Salvador os demais 20 municípios continuariam representando 31% do total de votos do candidato, um indicador relevante na concentração do seu voto. No que se refere a esses municípios, é importante considerar que alguns deputados bem votados e eleitos em 2002 não se candidataram novamente em 2006, o que sugere novamente a possibilidade de transferência de votos desses deputados para ACM Neto, como é o caso, por exemplo, da deputada Zelinda Novaes Silva Jarske, que teve grande votação em Salvador e Camaçari, e o deputado Robério Cássio Ribeiro, que teve votação expressiva em Macaúbas. É interessante observar que tanto Camaçari quanto Macaúbas passam a fazer parte deste grupo de municípios somente neste ano.

É importante observar uma mudança no perfil eleitoral de ACM Neto, conforme apresenta a Tabela III.

Tabela III – Mudanças e Permanência na Base Eleitoral de ACM Neto, 2002-2006

Integram o Grupo	Deixam o Grupo	Permanecem no Grupo
VITÓRIA DA CONQUISTA	JEQUIÉ	SALVADOR
ITABUNA	CANDEIAS	BRUMADO
CAMAÇARI	MARAGOGIPE	SANTO ANTÔNIO DE JESUS
ILHÉUS	BARREIRAS	QUINJINGUE
FEIRA DE SANTANA	PORTO SEGURO	JEREMOABO
TUCANO	SÃO DESIDÉRIO	INHAMBUPE
ITABELA	SÃO GABRIEL	ALAGOINHAS
MARACÁS	EUNÁPOLIS	SENTO SÉ
POJUCA	IGUAÍ	
ESPLANADA	LAJE	
CACULÉ	RAFAEL JAMBEIRO	
CRUZ DAS ALMAS	AMARGOSA	
MACAÚBAS	BARROCAS	

Fonte: TSE, 2012

Conforme pode se observar, passam a integrar o grupo dos municípios que mais contribuíram para a votação de ACM Neto municípios como Vitória da Conquista, Feira

de Santana, Ilhéus, Camaçari e Itabuna, alguns dos maiores e mais importantes municípios do estado.

É fundamental considerar que nesta eleição de 2006, mesmo tendo perdido o pleito para governador, isso não anula o espólio eleitoral do grupo que havia passado os últimos 16 anos como situação na Bahia, incluindo os últimos quatro anos (2002-2006). Em Relatório do Projeto de Pesquisa do CNPQ intitulado *Geografia do Voto e Instituições políticas estaduais: um estudo de quatro estados da federação (BA, MG, RN, RS)*, Borges (2011) aponta que os partidos posicionados na situação frente ao governo estadual e federal apresentam padrão de votação mais dispersos territorialmente, além de garantir mais penetração nas regiões metropolitanas. Além disso, esses partidos apresentam maior capacidade de mobilizar o eleitorado governista e redes clientelistas locais, bem como apresentam maior capacidade de construir coalizões eleitorais amplas e difusas territorialmente. Dessa forma, os parlamentares situacionistas apresentam índices médios de dominância e fragmentação bem mais elevados que os demais.

Nas eleições de 2002 e 2006, o grupo político de ACM Neto era situação, mas, embora este candidato tenha conquistado votos em todos ou quase todos os municípios do estado, se observou uma votação bastante concentrada em um conjunto de 21 municípios, bastante heterogêneos em termos demográficos e regionais, mas em geral tendo como representantes as maiores cidades do estado. Percebe-se, portanto, como já foi dito anteriormente, uma mudança no perfil eleitoral de ACM Neto em 2006 em relação à 2002 no que tange sobretudo ao aumento da sua votação nos maiores municípios do estado.

O desempenho do PFL e perfil eleitoral de ACM Neto na eleição de 2010

Em 2010, com o carlismo na oposição tanto no âmbito federal quanto no âmbito estadual, e com a ampla hegemonia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o resultado das eleições aponta claramente para uma perda do número de candidatos carlistas eleitos em todos os pleitos. No âmbito federal, a indicada do presidente Lula, Dilma Rousseff, saiu vitoriosa no segundo turno. No âmbito estadual, o governador Jaques Wagner foi

reeleito no primeiro turno com ampla vantagem. Nesse âmbito, DANTAS NETO (2010, p. 17) aponta elementos importantes para análise da vitória do PT e a relevante derrota do espólio eleitoral carlista. Segundo o autor:

O PT foi o grande beneficiário da erosão dos recursos extra-eleitorais do carlismo principalmente após a vitória de Lula em 2002, fato que lhe permitiu avançar sobre áreas de alienação eleitoral e, em 2006, sobre os próprios redutos carlistas.

Nas eleições para deputado federal, a diminuição da força dos candidatos carlistas ficou ainda mais evidente. O PFL lançou 16 candidatos e apenas seis foram eleitos. Para a Assembleia Legislativa, elegeu apenas cinco candidatos. É interessante notar que nessas eleições o PFL estava claramente desestruturado por disputar internas. Foi bastante visível na eleição como o próprio ACM Neto não se empenhou em participar da eleição para o majoritário estadual, assim como também não se furtou em fazer coligações com candidatos de outros partidos não pertencentes à sua coligação formal, como foi o caso da sua relação com a candidata a deputada estadual Maria Luiza Carneiro (PSC), na época esposa do então prefeito de Salvador João Henrique Carneiro, do qual a prefeitura contava com a participação do DEM. Esses elementos revelam que ACM Neto adotou uma estratégia própria, para além de outros líderes do partido. Diferentemente da estratégia adotada pelo PT, que se fundamentou numa articulação de todos os pleitos em torno do jargão “Time de Lula”, ACM Neto pouco apareceu na campanha juntamente com os candidatos a outros pleitos.

Nesse contexto, mesmo estando na oposição no estado, o deputado federal ACM Neto se reelegeu, embora tenha perdido cerca de 100 mil votos, mais uma vez sendo o mais votado na Bahia, sendo primeira vez o mais votado também na capital do estado, historicamente reduto eleitoral de partidos de esquerda. ACM Neto obteve neste pleito 328.450 votos, o que representou 4,91 % do total dos votos válidos e 33,91% dos votos totais do PFL. O deputado, dessa vez, consolidou ainda mais a sua liderança e a sua importância político-eleitoral dentro de um partido que começava a dar sinais de esgotamento, não apenas na Bahia, mas em vários estados onde em anos anteriores tinha se tornado peça chave das disputas eleitorais e do poder. No que se refere ainda a este pleito, destaca-se a grande diminuição do número de votos dos outros candidatos do PFL eleitos, em especial a votação do deputado Fábio Souto que diminuiu de 191.619 em

2006 para 65.985 nesse pleito, e do deputado Paulo Sérgio Paranhos Magalhães que diminui de 113.199 em 2006 para 53.620 em 2010. Nota-se, dessa forma, um aumento crescente da concentração dos votos do PFL em ACM Neto.

No que se refere à dimensão dominância/compartilhamento do seu perfil eleitoral neste pleito ACM Neto obteve voto nos 416 municípios do Estado, considerando a competição eleitoral entre 245 candidatos a deputado federal disputando um total de 9.550.989 eleitores. Nessa eleição, diferente de 2002 e 2006, ele teve mais de 10% em somente 36 municípios, mas alcançou índices bastante altos em alguns municípios, como é novamente o caso de Barrocas, onde obteve 47,5% dos votos. No entanto, conforme se observará melhor na Tabela IV, que se segue, o deputado conquistou uma alta dominância nas maiores cidades do estado, o que garantiu a sua eleição em primeiro lugar frente ao contexto adverso. Neste ano, ACM Neto obteve 134.360 votos em Salvador, o que representou desta vez cerca de 41% dos seus votos. Não é demasiado lembrar que no ano de 2008, ele se lançou candidato à prefeitura de Salvador, tendo disputado competitivamente a eleição, alcançando 26,68% dos votos válidos, ou seja, 356.881 votos nominais. Esse fator certamente contribuiu para sua expressiva vitória na capital baiana neste ano.

No que se refere à dimensão da fragmentação/concentração, novamente ACM Neto obteve votos em todos os municípios do Estado, mas, diferentemente das duas eleições anteriores, 66,84% da sua votação se concentrou agora em 15 municípios. Notadamente a votação de ACM Neto em 2010 se concentrou tendo vista a diminuição do número de municípios que contribuíram com mais de 1% para o total de votos e o aumento (21 municípios concentravam 56% em 2002, novamente 21 concentravam 55,69% em 2006 e em 2010 15 municípios concentram 66,84% em 2010) da contribuição destes para o total de votos do deputado. Desta vez, o candidato concentra a maior parte de seus votos nas cinco maiores cidades do estado, Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Camaçari e Itabuna.

Conforme se observa, neste pleito se altera um padrão apresentado nos anos de 2002 e 2006. O número de votos do candidato diminui, assim com sua votação proporcional; embora ainda mantendo uma votação em todos os municípios do estado,

os municípios onde sua dominância foi alta (acima de 10%) diminuíram de 80 em 2002 e 81 em 2006 para 36 municípios em 2010; da mesma forma, a concentração de seus votos se ampliou, evoluindo para uma grande concentração, de aproximadamente 2/3 dos seus votos, em apenas 15 municípios. Desde o primeiro pleito, o voto em ACM Neto tende a ser relevante em grandes cidades. Em 2002, por exemplo, Barreiras, Jequié, Santo Antônio de Jesus, Porto Seguro e Alagoinhas; em 2006, integram cidades como Vitória da Conquista, Ilhéus, Itabuna, Camaçari e Feira de Santana e, em 2010, se associam a elas Lauro de Freitas. Essa tendência parece resultar de uma estratégia deliberada do candidato, principalmente no contexto das eleições de 2010, quando não estava dentro das máquinas do executivo estadual e federal, restando-lhe apenas a manipulação da sua ação parlamentar e de algum resquício do repertório simbólico do carlismo.

Tabela IV: Redutos Eleitorais de ACM Neto, 2010

MUNICÍPIO	VOTOS NOMINAIS	VOTOS VÁLIDOS (%)	CONTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE CADA MUNICÍPIO PARA O TOTAL DE VOTOS
SALVADOR	134.360	10,67	40,91
ITABUNA	12.544	13,138	3,82
CAMAÇARI	12.462	12,911	3,79
VITÓRIA DA CONQUISTA	10.755	7,367	3,27
FEIRA DE SANTANA	7.432	2,798	2,26
CACULÉ	4.863	45,934	1,48
LAURO DE FREITAS	4.812	6,938	1,47
CRUZ DAS ALMAS	4.647	16,022	1,41
SÃO DESIDÉRIO	4.573	34,15	1,39
ILHÉUS	4.501	5,336	1,37
ALAGOINHAS	4.123	6,305	1,26
BARROCAS	3.907	47,525	1,19
SANTO ANTÔNIO DE JESUS	3.661	8,484	1,11
POJUCA	3.594	21,44	1,09
IRARÁ	3.293	22,745	1,00
TOTAL	219.527	17,45	66,84

Fonte: TSE, 2012

Considerações sobre o Perfil eleitoral de ACM Neto 2002-2010

Em síntese, os estudos iniciais sobre os resultados das eleições para deputado federal na Bahia (2002-2010) permitem formular como hipótese desse trabalho a ideia de que o espólio eleitoral carlista, assim como o seu repertório simbólico, contribuiu significativamente para o êxito do desempenho eleitoral e do apoio político de ACM Neto, sobretudo nas eleições de 2002.

No entanto, a partir de 2006, como o crescente declínio do poder do carlismo na Bahia, novos elementos devem ser considerados para explicar o seu relativo sucesso. Por isso, a necessidade de estudar a sua atuação parlamentar, a sua visibilidade nacional, além de novos apelos políticos-eleitorais.

Como discute ANASTASIA (2010), o estudo da conformação da base eleitoral dos deputados e dos tipos de apoiadores consistentes é relevante para a compreensão dos determinantes do tipo de comportamento dos deputados. Nesse sentido, esse estudo inicial sobre o perfil eleitoral de ACM Neto se constitui como um passo importante para a compreensão da sua atuação parlamentar e, mais especificamente, das suas estratégias político-eleitorais mais amplas, pois a ambição dos parlamentares brasileiros envolve diferentes trajetórias e percursos, mas tem como fim maximizar as chances de sucesso político nas diferentes arenas (ANASTASIA, 2010).

O que se pode depreender, ainda de modo exploratório, é que as estratégias político-eleitorais de ACM Neto permanecem irrigadas pela tradição carlista principalmente no que se refere ao peso do seu espólio eleitoral e à tendência de criação de uma liderança política que se autonomiza relativamente dentro do partido. Por outro lado, ACM Neto precisou ressignificar tal tradição para superar a decadência do seu grupo. Uma vez que representantes importantes do carlismo não obtiveram sucesso nas últimas eleições, ao contrário de ACM Neto, supõe-se que ele operou alguma transformação nas estratégias carlistas. Assim, se faz fundamental compreender mais a fundo tais estratégias através dos estudos da sua atuação parlamentar e de suas operações político-eleitorais.

Referências

ANASTASIA, Fátima, CASTRO, Monica; NUNES, Felipe. *Determinantes do Comportamento Particularista de Legisladores Estaduais Brasileiros*. Revistas Dados, vol. 52,n.4.2010.

AMES, Barry. *Os entraves da democracia no Brasil*. Editora FGV. Rio de Janeiro.2003.

BORGES, André.(2009) Relatório do Projeto de Pesquisa do CNPQ intitulado *Geografia do Voto e Instituições políticas estaduais: um estudo de quatro estados da federação(BA,MG,RN,RS)*.

BORGES, André. *Dinâmica Político-eleitoral, burocracia e gasto social estadual*. Caderno CRH, Salvador, v.23,n.58,p.91-109,Jan/Abr.2010.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. O carlismo para além de ACM: estratégias adaptativas de uma elite política estadual. In: SOUZA, Celina. DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Governo, Políticas Públicas e elites políticas nos estados brasileiros*. Rio de Janeiro:Revan, 2006.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Carlismo: passado, presente e futuro*. Publicado originalmente no site Gramsci e o Brasil: www.gramsci.org em 2007.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. “*Mudança Política na Bahia; circulação, competição ou pluralismo de elites.*” CORTEZ, Hugo, SPINELLI, José Antônio. Nordeste 2006: os sentidos do voto: análises interpretativas dos resultados eleitorais dos estados do nordeste. Natal, Editora UFRN, 2010.

LEONI, Eduardo, PEREIRA, Carlos, RENNÓ, Lúcio. Estratégias para sobreviver politicamente: escolhas de carreiras na Câmara de Deputados do Brasil. Opinião Pública.vol.9,n.1.Campinas. Maio, 2003.

PEREIRA, Carla Galvão. *Continuidade ou Mudança? Análise comparativa entre os Governos de Antônio Carlos Magalhães em 1971-1975 e 1991-1995*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFBA. Salvador, 2007.

SARTORI, Giovanni. *Partidos Y Sistemas de Partidos. Marco para un análisis*. Alianza Editorial. Madrid. 1980.